

Nelson Goerner



GULBENKIAN
MÚSICA

10 dez 22

10 dez 22 SÁBADO 18:00
GRANDE AUDITÓRIO

Nelson Goerner Piano

Fryderyk Chopin

- | | |
|---|------------|
| Balada n.º 1, em Sol menor, op. 23 | c. 9 min. |
| Balada n.º 2, em Fá maior, op. 38 | c. 7 min. |
| Balada n.º 3, em Lá bemol maior, op. 47 | c. 7 min. |
| Balada n.º 4, em Fá menor, op. 52 | c. 11 min. |

INTERVALO

Franz Liszt

- | | |
|---------------------------------------|------------|
| Sonata para Piano em Si menor, S. 178 | c. 30 min. |
|---------------------------------------|------------|

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 30 min.
INTERVALO DE 20 MIN.

Fryderyk Chopin

(Żelazowa Wola, 1810 – Paris, 1849)

Balada n.º 1, em Sol menor, op. 23

—

COMPOSIÇÃO 1831-1835

DURAÇÃO c. 9 min.

Fryderyk Chopin alcançou uma posição de destaque na história da música devido à sensibilidade do seu estilo melódico e harmónico, bem como à sua exploração das características técnicas e expressivas do piano, o seu instrumento de eleição. A sua produção concentra-se quase exclusivamente na música para esse instrumento, tendo em vários géneros fornecido contributos relevantes para o repertório. É justamente o caso das quatro Baladas, que se contam entre as suas criações mais originais. Na verdade, o compositor foi pioneiro na aplicação do termo “balada” a um género puramente instrumental. De facto, até então o termo estava associado apenas a produção poética e liedística de carácter narrativo e épico/lírico. E se é certo que Robert Schumann revelou que o compositor lhe teria confidenciado que, na composição dessas peças, se inspirara nas baladas do poeta polaco Adam Mickiewicz (1798-1855), em causa estaria não tanto a tentativa de ilustrar musicalmente narrativas específicas, mas mais provavelmente o reconhecimento de uma afinidade genérica entre o novo género instrumental e esse tipo de produção literária.

A fluência lírica e narrativa que se observa nas baladas de Chopin, concebida em termos puramente musicais, dá origem a estruturas que não se encontram

dependentes de princípios formais tradicionais. Com efeito, apesar de todas elas estarem construídas em torno de dois temas diferenciados, incluindo também secções de transição e elaboração, a estrutura geral não pode ser considerada dependente da forma sonata: o compositor evita certas relações tonais e pontos estruturais expectáveis nessa tradição (como a típica relação tonal entre os temas e o momento da recapitulação), que neste caso comprometeriam o ímpeto dramático pretendido.

A composição da Balada n.º 1, em Sol menor, op. 23, foi iniciada em 1831, por altura de uma breve estadia em Viena, e terminada em Paris em 1835. A peça abre com uma passagem introdutória sobre a região napolitana da tonalidade (como um recitativo), que dá lugar à enunciação de um primeiro tema de um lirismo épico, até que um agitado episódio de transição conduz a um segundo tema, em Mi bemol maior, de um lirismo mais terno. A reaparição mais intensa e apaixonada das duas ideias, nas tonalidades distantes de Lá menor e Lá maior, desemboca num episódio animado que conduz a nova aparição de ambos os temas, nas tonalidades originais, mas em ordem inversa. A peça encerra com uma coda dramática e virtuosística.

Balada n.º 2, em Fá maior, op. 38

—

COMPOSIÇÃO 1836-1839

DURAÇÃO c. 7 min.

A Balada n.º 2, em Fá maior, op. 38, foi iniciada ainda em 1836 e terminada em 1839, tendo sido dedicada a Robert Schumann. Uma ideia temática de cariz

sonhador, em Fá maior, emerge do silêncio, à maneira de uma siciliana, e é elaborada com grande subtilidade até ser subitamente estilizada por um segundo tema violento, em Lá menor, baseado em ousadas figurações harpejadas. Depois, a elaboração em torno do ambiente idílico do primeiro tema conduz, mais uma vez, à agitação da segunda ideia temática, agora em Ré menor. Uma coda tecnicamente exigente leva a obra a um final dramático, com uma última evocação do tema inicial em Lá menor.

Balada n.º 3, em Lá bemol maior, op. 47

—

COMPOSIÇÃO 1841
DURAÇÃO c. 7 min.

A Balada n.º 3, em Lá bemol maior, op. 47, foi composta no verão de 1841, em Nohant, e tal como nas anteriores, também neste caso se assiste a um fluxo constante de momentos expressivos diferenciados. O primeiro grupo temático, que inclui passagens de interesse contrapontístico, é apresentado numa atmosfera pacífica. Segue-se um segundo tema mais dançante, em Fá maior, elaborado com dramatismo em Fá menor antes de um regresso ao modo maior, conduzindo por sua vez a um terceiro tema, em Lá bemol maior, baseado numa figuração ondulante. O segundo tema é novamente evocado, sendo então desenvolvido em Dó sustenido menor. A tensão crescente acaba por culminar numa última enunciação dos primeiro e terceiro temas, envolvidos em gestos triunfantes.

Balada n.º 4, em Fá menor, op. 52

—

COMPOSIÇÃO 1842
DURAÇÃO c. 11 min.

Por fim, a Balada n.º 4, em Fá menor, op. 52, foi composta em 1842. Uma breve introdução em torno da dominante antecede o primeiro tema, que consiste numa cantilena de carácter melancólico. A sua expressividade logo se intensifica numa variação de cariz contrapontístico, que desagua na apresentação de um segundo tema, em Si bemol maior, numa atmosfera de grande tranquilidade. O episódio de elaboração que se segue conduz a nova evocação do primeiro tema, trabalhado numa passagem imitativa a três vozes, de carácter meditativo, e pouco depois num momento profundamente expressivo. O segundo tema regressa, agora em Ré bemol maior, culminando num episódio dramático, e a expectativa criada pelos acordes suspensivos que se seguem encontra resposta na violência trágica da coda que encerra a obra.

LUÍS M. SANTOS

Franz Liszt

(Raiding, 1811 – Bayreuth, 1886)

Sonata para Piano em Si menor, S. 178

COMPOSIÇÃO 1852-1853

DURAÇÃO c. 30 min.

Monumento lídimo da produção pianística de Franz Liszt e, ao mesmo tempo, de toda a vasta literatura romântica para o instrumento, a Sonata em Si menor apresenta forma e dimensões invulgares, alcançando o seu único andamento cerca de trinta minutos de duração. No curso desta partitura sem precedentes, Liszt passou em revista todos os grandes desenvolvimentos ocorridos no campo da sonata para tecla, desde o legado pioneiro de Ludwig van Beethoven, passando pelos requintes visionários da Sonata *Wanderer* de Franz Schubert, até contemplar as mais aventurosas tendências técnicas e idiomáticas do seu próprio tempo.

A elaboração da Sonata em Si menor, entre 1852 e 1853, insere-se numa das fases mais prolixas da carreira de Liszt, quando ocupava as funções de mestre de capela da corte de Weimar – pequena cidade alemã cuja vida musical era bastante importante e que fora outrora marcada pelo carisma do maior mestre do Barroco germânico,

Johann Sebastian Bach, que nela trabalhara como organista. A dedicatória da obra foi dirigida a Robert Schumann, como retribuição pela anterior dedicatória da Fantasia em Dó maior, op. 17 (1836). A estrutura em andamento único da Sonata em Si menor encerra seis secções principais, pontuadas pelas respetivas indicações de andamento: 1. *Lento assai*, 2. *Allegro energico*, 3. *Andante sostenuto*, 4. *Allegro energico*, 5. *Andante sostenuto* e 6. *Lento assai*.

A este plano de andamentos subjaz, contudo, uma versão expandida da tradicional forma de sonata, com exposição, desenvolvimento e recapitulação. Desta forma, o discurso musical projeta uma vasta série de elementos melódicos e harmónicos, fortemente individualizados, numa matriz formal contínua, a qual vai sendo reconstituída à medida que fluem esses mesmos elementos contrastantes, por forma a constituir um edifício sonoro uno, indivisível e com a marca fascinante do mestre de Raiding.

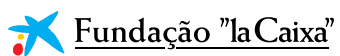
RUI CABRAL LOPES

Nelson Goerner

Nelson Goerner é um dos pianistas mais destacados da sua geração. São efusivamente aplaudidas as suas interpretações de apurada sensibilidade artística e poética. Para além da Fundação Gulbenkian, a presente temporada inclui recitais no Théâtre des Champs-Élysées, no Teatro Colón de Buenos Aires, no Victoria Hall de Genebra, no Auditório Hamariky Asahi de Tóquio, na Sociedad Filarmónica de Bilbao e no deSingel de Antuérpia. Os seus compromissos incluem também apresentações com as Orquestras Sinfónicas de Hamburgo, Malmö e Antuérpia, a Nova Filarmónica do Japão e a Hallé Orchestra. Nelson Goerner colabora com muitas das principais orquestras mundiais, sob a direção de maestros de renome como Vladimir Ashkenazy, Philippe Herreweghe, Neeme Järvi, Sir Mark Elder, Paavo Järvi, Jonathan Nott, Fabio Luisi ou Esa-Pekka Salonen. Atua regularmente em prestigiosos festivais como o Enesco, o *Piano aux Jacobins*, o *BBC Proms* e os de La Roque d'Anthéron, Salzburgo, Tsinandali (Geórgia), Edimburgo, Verbier, Schleswig-Holstein e Singapura. No domínio da música de câmara, colabora regularmente com Martha Argerich, Steven Isserlis e Gary Hoffman.

Nelson Goerner tem uma forte relação com o Mozarteum Argentino, em Buenos Aires. Mantém também um estreito vínculo com o Instituto Chopin de Varsóvia, do qual é assessor artístico e pelo qual lançou vários dos seus álbuns, os quais mereceram vários prémios *Diapason d'Or*. Recebeu este mesmo prémio pela gravação, em 2019, de obras de Godowsky e Paderewski, incluindo as monumentais *Variações e Fuga*, op. 23, deste último compositor. Para a Alpha Classics, a sua discografia inclui obras de Albéniz, Chopin, Beethoven, Brahms, Debussy, Schumann, Fauré e Franck, tendo sido distinguida com os prémios *Gramophone*, *Diapason d'Or*, *BBC Music Magazine* e *Choc de Classica*. Foi galardoado com o prémio *Gloria Artis*, a distinção cultural mais importante da Polónia, e recebeu o Prémio Konex de Platina da Fundação Konex. Nelson Goerner nasceu em San Pedro, na Argentina, em 1969. Depois de estudar com Jorge Garrubba, Juan Carlos Arabian e Carmen Scalcione, em 1996 venceu o Concurso Franz Liszt, em Buenos Aires. Mudou-se então para Europa para estudar com Maria Tipo no Conservatório de Genebra. Em 1990 recebeu um 1.º Prémio no Concurso Internacional de Música de Genebra.

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

200 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Dezembro 2022

